EXPOS

A escultura em permanente devir

No Museu da Electricidade, o vidro e o ferro dialogam com uma escultura ausente. *Luísa Soares de Oliveira*

Casa Deitada
De Carlos Nogueira.
Lisboa. Museu da Electricidade. Av. Brasília – Edifício Central Tejo. Tel.: 210028190. 3ª a Dom. das 10h às 18h. Até 16/09.
Escultura.

★★★★★

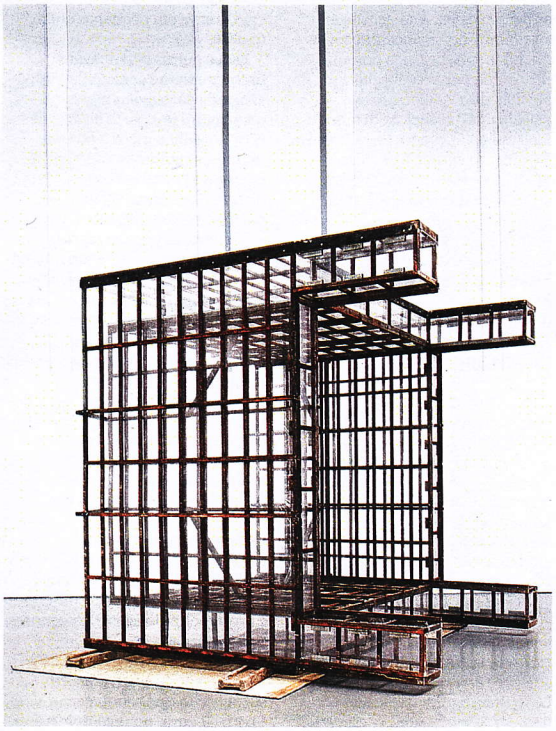
Há duas imagens que imediatamente vêm ao espírito quando olhamos pela primeira vez para a *Casa Deitada* de Carlos Nogueira. A primeira é uma gravura da época do Crystal Palace de Londres, o primeiro edifício em ferro e vidro, construído por um especialista em estufas para albergar a Grande Exposição de 1851. A esta memória junta-se a Lucinda do escritor Peter Carey, levando por um rio do *bush* australiano uma capela, também de ferro e vidro, que se afunda quando chega ao local previsto. Da primeira imagem retemos o predomínio da técnica e do processo; da segunda, a utopia generosa e o vazio aparentemente inútil da capela. Só aparentemente, já que Carey desdobra-se em considerações sobre os efeitos da luz sobre o vidro. Ou seja, no fundo, sobre a necessidade da arte mesmo nas circunstâncias menos propícias.

Tal como as duas imagens que referimos, esta escultura, agora exposta numa das salas principais do Museu da Electricidade, apresenta uma estrutura geométrica e uma consistência que alia a opacidade do ferro e a transparência, já não do vidro mas do acrílico. Sabemos que serviu de cofragem para uma segunda escultura, a *Casa com árvore* que está no Almourol – Parque de Escultura Contemporânea: um paralelipípedo de cimento sobre estacas, aberto no topo, que rodeia uma das árvores do parque de Vila Nova da Barquinha. Como o Crystal Palace, *Casa Deitada* estabelece uma relação forte com o seu próprio processo de construção; mas, como a capela de Lucinda, convoca um vazio que se prende com a própria definição da arte.

No fundo, Carlos Nogueira deixa-nos com estas duas linhas de leitura da sua obra. Por um lado, um fazer contínuo que é sempre continuidade com a sua própria história – da exposição, faz também parte um desenho de uma casa feito na adolescência –, e sobretudo com a história da sua obra escultórica. Por outro, um jogo entre as certezas e as dúvidas, entre os vazios e os cheios, a função que a memória exerce nesta espécie de diálogo sem sons. Não é possível considerar *Casa deitada* sem a *Casa com árvore* que em tempos a preencheu e nela secou. O acrílico condicionou a textura do cimento que se vê na Barquinha, as dimensões escolhidas foram determinadas pelo lugar, pelo porte da árvore, pela existência até de um muro prévio de contenção das cheias no subsolo do parque. Enquanto que aí a casa se via despojada da sua função primordial, por ser aberta em cima e por não nos permitir entrar nela, determinando uma fruição distante e exterior.

Paulo Pires do Vale, que assina o excelente texto de apresentação da exposição, cita Lao Tse para recordar que "o que existe é o que lhe dá valor, o que não existe é que os torna úteis". Ora, uma casa possui uma dupla conotação: a de uma construção tridimensional, de características arquitectónicas bem definidas, e a de prover abrigo e demarcação entre o que é íntimo e o que é público. O acrílico, transparente como é, não possibilita esta separação. É talvez por isso que uma escultura não vive sem a memória da outra, como a transparência não existe sem a opacidade, a vertical sem a horizontal deitada, o cheio em volta da árvore sem o vazio na sala de exposições.

Como é evidente, esta memória, tantas vezes invocada, implica a existência de um corpo, de um corpo que trabalha continuamente numa busca que é também construção contínua do conhecimento de si. E de um tempo: as esculturas de Carlos Nogueira, de quem o Centro de Arte Moderna apresentará em breve exposição antológica, estão em constante diálogo através do tempo, nunca sabendo nós, ao certo, o momento em que começaram e o momento em que o artista as dará eventualmente por terminadas. Esta é uma dinâmica que tem mais afinidades com o acto de pensar e com o desenho, seu reflexo mais imediato no âmbito da criação, do que com a arquitectura ou a escultura consideradas no sentido que a História lhes deu. Por isso, e apesar das dimensões imponentes da peça, esta é uma exposição rara e significativa, bem característica de um percurso individual que não pára de nos surpreender.



***Casa Deitada*, definitivamente privada da *Casa com árvore* que em tempos a preencheu, sugere agora um jogo entre as certezas e as dúvidas, entre os vazios e os cheios**

O mundo à nossa volta

Early Summer, de Daniel Gustav Cramer e Haris Epaminonda, faz do transitório uma experiência do infinito. *José Marmeleira*

Early Summer
De Daniel Gustav Cramer e Haris Epaminonda.
Lisboa. Kunsthalle Lissabon. Av. da Liberdade, 211, 1º. Tel.: 912045650. 5ª a Sáb. das 15h às 19h. Até 18/08.
Fotografia, Vídeo, Escultura, Outros.

★★★★☆

Uma das primeiras impressões provocadas por *Early Summer*, que reúne obras de Daniel Gustav Cramer (Alemanha, 1975) e Haris Epaminonda (Chipre, 1980) na Kunsthalle Lissabon, é o cuidado rigoroso na disposição das imagens, das esculturas e dos objectos. Cada peça surge sempre numa relação organizada com outras peças, através da escala ou da forma geométrica; e define-se explicitamente no espaço, operando sobre a arquitectura (no chão, nas paredes) ou envolvendo estruturas determinadas (plintos). A cor também tem a sua importância, pelo modo como marca o ritmo do olhar sobre a exposição: há pedras castanhas, fotografias a preto e branco, estatuetas pretas, plintos brancos. Seja qual fora o ponto de vista, há sempre um plano que conjuga peças diferentes e mergulha o espectador na sua descoberta.

Early Summer é uma exposição de dois artistas, pelo que as obras de Daniel Gustav Cramer (representado em Portugal pela Vera Cortês) e Haris Epaminonda são autónomas de qualquer colaboração (isto se exceptuarmos os projectos em que assumem de facto a condição de dupla). Tal não impede a presença de aspectos comuns: o uso de materiais simples, a apropriação de imagens, a leveza e a discrição dos objetos e das superfícies. A experiência é para o espectador tão poética como fragmentada: descer ao chão, espreitar por detrás dos plintos.

A memória, o conhecimento, o tempo são matérias exploradas pelo artista alemão. Fotografias de vermes catalogados pela ciência ou de uma preguiça embalsamada e colocada numa posição antropomórfica (qual escultura de Rodin) parecem sublinhar o desvelo intrépido da ciência em classificar, compartimentar e representar. Desvelo com limites, como sugere uma pálida carta estelar, vestígio de um projecto internacional que, no século passado, falhou a documentação de todas as estrelas do céu nocturno. Simples, austeras, as peças de Daniel Gustav Cramer criam emoções, gestos invisíveis, imagens que não chegam a ser objectos visuais, e que suspendem, de modo intuitivo, a nossa percepção das formas e suas funções: numa solitária esfera de ferro ou num conjunto de livros em cujas páginas olhamos representações fotográficas do mar.

Haris Epaminonda também lida com o mundo que existe à nossa volta e realiza um processo de selecção de objectos e imagens provenientes das mais diversas origens (revistas, livros, lojas, feiras), mas a sua proposta tem como fim animar as imagens e transformar os objectos, fazer do finito uma experiência do infinito, enriquecendo a linguagens de todos. Reparem nas fotografias distintas de montanhas que emolduradas lado a lado configuram uma nova imagem ou no pequeno filme que, através de um atento processo de montagem, sugere a ideia de uma colagem ou de um poema. Por vezes, a artista ilude-nos – ou melhor ilumina-nos – quando nos mostra um plinto vazio, obrigando-nos a espreitar, a tentar ver parcialmente o que foi escondido. Noutros, somos confrontados com pequenas e frágeis esculturas africanas, como se estivéssemos pela primeira vez num museu. Mas não estamos e, nesse momento, percebemos que não vale interpretá-las ou entendê-las. Basta apenas sentir a sua presença e imaginar a sua história.

Cada peça de *Early Summer* opera sobre a arquitectura, definindo-se no espaço